



Com a popularidade em queda e postura errática sobre a guerra no Irã, presidente dos EUA teme um fiasco nas eleições legislativas de novembro. Ontem, voltou a prometer “inferno” ao país persa caso o Estreito de Ormuz não seja reaberto

O risco de atoleiro político para Trump

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, amarga declínio de popularidade, enfrenta a corrosão do prestígio junto à própria base eleitoral e assiste à ameaça de uma recessão. Um cenário político-econômico agravado por uma guerra que carece de objetivos claros, de estratégia e de planejamento. Nas últimas semanas, o republicano tem oscilado entre uma retórica ameaçadora e outra diplomática. Chegou a acenar com a aniquilação da infraestrutura energética do Irã e com a “obliteração” da Ilha de Kharg, um entreposto para a exportação de 90% do petróleo produzido pelo país persa. Pouco depois, sugeriu que Teerã negocia um acordo de cessar-fogo e não descartou o abandono do conflito sem a reabertura do Estreito de Ormuz — uma das principais exigências da Casa Branca para pôr fim aos combates.

Ontem, porém, Trump reavivou um dos vários ultimatos que já usou para ameaçar o Irã desde o fim de fevereiro: “Lembrem de quando dei ao Irã dez dias para FECHAR UM ACORDO OU ABRIR O ESTREITO DE ORMUZ”, escreveu na plataforma Truth Social, em alusão ao aviso de 26 de março. “O tempo está acabando: 48 horas antes de que todo o inferno se abata sobre eles.”

Em comunicado do Quartel-General Central Khatam al-Anbiya, o general iraniano Ali Abdollahi Aliabadi qualificou o ultimato de Trump como uma “ação impetuosa, nervosa, desequilibrada e estúpida”.

Para especialistas, a empreitada militar no Irã pode, inclusive, decretar o fiasco do Partido Republicano nas eleições de meio de mandato, em 3 de novembro, quando serão renovados todos os 435 assentos da Câmara dos Representantes e 35 dos 100 assentos do Senado. Atualmente, os governistas têm maioria em ambas as casas. As mais recentes pesquisas de opinião pública apontam que Trump conta com 35% de aprovação e 58% de rejeição entre os norte-americanos.

Professor de relações internacionais da Universidade de Harvard, Stephen Walt afirmou ao **Correio** que Trump está “desesperado” para encontrar uma saída para a guerra. “O conflito não saiu como o

Ken Cedeno/AFP



Donald Trump e primeira-dama, Melania, durante peça de teatro no Kennedy Center, em Washington: republicano em apuros

presidente esperava. O regime iraniano não entrou em colapso, e sua habilidade de fechar o Estreito de Ormuz tem colocado a economia mundial em risco”, disse. O estudioso admitiu que os riscos políticos causados pela guerra para Trump são “muito graves”. “Ele será responsabilizado pelo aumento nos preços da gasolina e dos alimentos, e por uma possível recessão econômica. A culpa é inteiramente dele: não há como culpar ninguém mais”, ressaltou Walt.

Para Roberto Goulart Menezes, professor de relações internacionais da Universidade de Brasília (UnB), a decisão de atacar o Irã, sob pressão de Israel, levou o presidente a uma situação de impasse. “Os EUA têm um poderio militar imenso. A resposta do Irã foi o fechamento do Estreito de Ormuz e o ataque a vários países vizinhos, aliados dos EUA. Isso provocou um estrago muito grande na reputação americana na região e na economia mundial”, explicou ao **Correio**.

Ele ressaltou que a população americana sente os efeitos do aumento no preço da gasolina e do custo da energia. “Desde o início da aventura militar, a popularidade de Trump tem caído. O apoio ao ataque caiu até entre seus eleitores. O presidente tem pouco tempo para administrar a crise causada por ele.”

De acordo com Cristina Pecequillo, professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), existem pressões sobre o governo Trump que não podem ser ignoradas, devido à guerra. “O custo econômico do conflito atinge diretamente a base da classe média, que lhe deu a vitória em 2024, assim como o excessivo intervencionismo militar”, lembrou à reportagem.

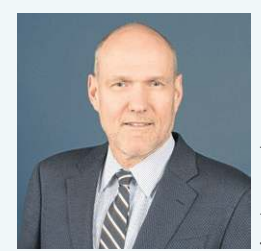
“O maior risco é justamente perder alguma das casas do Legislativo, em novembro, por causa dessa fragmentação do MAGA (‘Make America Great Again’ ou ‘Tornar a América grande novamente’); acrescentou.

Sinais trocados

Arash Azizi, historiador da Universidade de Yale, vê uma postura dúbia do titular da Casa Branca. “Trump simultaneamente tenta acalmar os mercados, buscando uma maneira de encerrar a guerra antes que ela saia completamente do controle. Mas, também, potencialmente se envolve em um jogo enganoso”, afirmou ao **Correio**. “Os iranianos certamente consideram provável que ele intensifique o conflito e recorra a operações terrestres”, completou. Um número considerável de baixas americanas também pode ferir Trump.

“Estamos muito distantes das eleições, e tudo dependerá de como a guerra terminará e de como os democratas tentarão usar isso a seu favor”, avaliou Azizi. “Mas é suficiente para nos separar. Ao contrário, são as relações compartilhadas de forma compreensível que tornam possível a vida em comum.”

Eu acho...



Arquivo pessoal

“Trump prometeu aos americanos que não os envolveria em mais guerras estúpidas. Foi isso que ele fez. Isso prejudicará o presidente, tanto entre democratas quanto entre republicanos. Não há dúvidas de que esse fiasco prejudicará as chances dos republicanos em novembro, especialmente se os embarques de petróleo, gás e fertilizantes do Golfo não forem retomados.”

Stephen Walt, professor de relações internacionais da Universidade de Harvard



Arquivo pessoal

“A economia deve trazer maior impacto às eleições de meio de mandato, caso a guerra se prolongue e tenhamos um envolvimento dos EUA em solo. A crise do Irã terá que ser encerrada antes por Trump para não prejudicar mais as eleições. O conflito pode se tornar atoleiro político, caso ele não encerre a guerra ou envie tropas ao Irã.”

Cristina Pecequillo, professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)



Paulo Delgado

contato@paulodelgado.com.br

O MUNDO PRECISA DE PÁSCOA

Na porção leste da cidade de Jerusalém, o que hoje é tido como a Cidade Velha já foi por muito tempo um lugar de importância única para judeus, cristãos e muçulmanos. Desde os tempos do imperador Constantino I, o local da Igreja do Santo Sepulcro é identificado como o lugar tanto da crucificação quanto do túmulo de Jesus de Nazaré. Há cerca de mil novecentos e noventa e três anos, data estimada da crucificação de Jesus, aquele lugar ficava fora dos muros da cidade.

São muitos os povos que, ao longo da história, já dominaram aquela porção de terra de forma irascível. Há sete dias, no Domingo de Ramos, o cardeal Pierbattista Pizzaballa foi impedido pela polícia local de acessar a Igreja do Santo Sepulcro, apesar de buscar fazê-lo de maneira que cumpriria as restrições impostas pelo governo israelense em decorrência da guerra em curso. Pizzaballa é o principal representante da Igreja Católica Romana em Jerusalém.

Em uma nota oficial conjunta, o cardeal afirmou que se tratou de uma decisão “desproporcional” e “fundamentalmente falha”, a qual resultou no fato de que “pela primeira vez em séculos, os líderes da Igreja foram impedidos de celebrar a Missa de Domingo de Ramos na Igreja do Santo Sepulcro.” De lá para cá, garantias foram dadas para que os líderes católicos voltassem a ter acesso ao seu lugar de culto e veneração, que é ainda mais significativo nesta semana do ano.

A Páscoa tem sua origem entre os hebreus e se transformou em uma das duas maiores festas cristãs, relembrando libertação de diferentes formas de escravidão. É a passagem de uma estação à outra, transição permanente da vida; é também uma celebração das melhores continuidades da vida, como aquela que se dá pela sucessão das gerações. Data otimista, pode ser vista como a persistente possibilidade de superar frustrações e dores, nos

convidando a reconstruir e aceitar o tempo, superá-lo sem o amaldiçoar, com seus diferentes tons de pensamento.

O Estado não fornece caráter a ninguém. Ou se chega a ele justo, ou é perder tempo ter esperança em ver lei melhorar alguém. Pois é a pessoa, esta sim, que pode melhorar se quiser. É só observar que vivem melhor os povos que sabem moderar e equilibrar simpatia e antipatia pelas pessoas, as coisas e o dinheiro, sem ousar humilhar ninguém. Agindo assim é possível pensar que a personalidade quente do fogo se equilibra diante da simpatia refrescante da água. Como no Dom Quixote, onde Cervantes embaralha similitudes e analogias para descrever sua busca pela representação dos sonhos e desejos da humanidade.

São arbitrárias a classificação das pessoas e a ilusão de enquadrá-las em sistemas jurídicos perfeitos. A razão é muito simples: o ser humano tem segredos que

não sabemos decifrar. Como Salomão veria uma época de desonestidade de governantes, legisladores e juízes?

Não é somente nas fábulas e histórias infantis que são infinitas as formas de ordenar e descrever as coisas do mundo. Por isso, qualquer tentativa de classificá-lo exige prudência e humildade. Em tempos em que considerações econômicas e de segurança se tornam absolutas, corre-se o risco de entregar a outros dimensões essenciais da vida, como os vínculos humanos e os ritos que lhes dão sentido.

A ampliação de estados de exceção, as leis do dinheiro, as restrições por necessidades reais de segurança, leis feitas para terroristas ou desonestos, acabam sendo usadas para punir pessoas de paz e honestas.

As diferenças entre povos e crenças são muitas, mas não justificam a erosão de práticas que reforçam a convivência respeitosa. O que nos distingue não é suficiente para nos separar. Ao contrário, são as relações compartilhadas de forma compreensível que tornam possível a vida em comum.

Reforçar distinções, bloquear perímetros, cercar ritos, desconfiar de todos e tudo, é um erro. Em tudo na vida é indispensável um elemento Páscoa.

De pouco adiantam leis duras e dirigidas que reforçam o prestígio dos ilegais, de vida mais badalada do que a vida honrada dos legais. O ativismo político e religioso — fundamentalismo de autoridades e criminosos — não é uma característica só das religiões. Reinterpretar as dimensões dos atributos divinos, o sentido da revelação e da fé, pode nos reaproximar da necessidade de paz. As escrituras sagradas — Torá, Bíblia, Corão — não são livros de um acordo, mas de uma intenção.

A vocação humana para fugir da solidão e viver em coletividade não é um fato efêmero, como deveriam ser o crime e o arbítrio. Por que não passa o tempo do insensato e da insensatez? Pessoas, coisas e situações são apenas variações de nós mesmos. O sentido da Páscoa está dentro de cada um.

PAULO DELGADO, sociólogo